

DOMINGO, 7 DE AGOSTO DE 2005

Um circo de rins e fígados: Ator é destaque de novo espetáculo de Gerald Thomas, que estreou sexta-feira no palco do Teatro Villa-Lobos

A festa do talento de Marco Nanini

Roberta Oliveira

Ufanista, com certeza. Com direito a bandeira do Brasil gigante e Hino Nacional tocado em ritmo de samba. Mas também recheado de críticas ao Brasil da Era do Mensalão e da CPI dos Correios e, principalmente, ao Ministério da Cultura de Gilberto Gil. Assim é "Um circo de rins e fígados", novo espetáculo do diretor Gerald Thomas, que estreou, na última sexta-feira, no Teatro Villa-Lobos.

Em cena, Marco Nanini vivendo... Marco Nanini, ator que recebe de um amigo que mora em Nova York, João Paradeiro, uma penca de caixas contendo documentos que provam o envolvimento dos EUA em golpes militares na América Latina, inclusive no Brasil. O assunto é sério, mas o humor dá o tom do espetáculo. Especialmente graças — sem trocadilhos, embora, bem ao estilo Thomas, haja muitos — ao talento de Nanini, que, na estréia, arrancou do público aplausos em cena

aberta. Os primeiros no momento em que Thomas, também autor, ri de si mesmo, escrevendo um texto em que o ator/personagem pede ao público para que participe ativamente de um número de platéia, caso contrário o diretor encherá o teatro de mais fumaça.

Mais aplausos para Nanini vieram quando foram feitas críticas ao ministério de Gil. Estas mais duras e com menos humor: na cena final, o ator/personagem precisou se defender diante do Esquadrão Gilberto Gil de Morte ao Teatro. Sobreviveu e foi ovacionado.

Os dois críticos do GLOBO concordaram com a platéia e elegeram Nanini o que há de melhor em "Um circo de rins e fígados". Para Barbara Heliodora, não há dúvida de que a peça "não seria o que é sem Marco Nanini, que tem aqui uma das mais brilhantes atuações de sua já brilhante carreira". Na opinião de Jefferson Lessa, a peça "se apóia no imenso talento do ator, num carisma que faz os espectadores saírem do teatro acreditando que viram um monólogo". ■



MARCO NANINI em um momento do espetáculo "Um circo de rins e fígados"; atuação primorosa arrancou aplausos em cena aberta da platéia que lotou o teatro para assistir à noite de estréia

Triunfo da teatralidade em peça feita de episódios impactantes

Barbara Heliodora

TEATRO
CRÍTICA

Com "Um circo de rins e fígados" Gerald Thomas procurou expressar todo o caos, as dores, os desencantos, os medos, os desesperos, as torturas, as perplexidades, o negativismo, o desatino que o mundo e o Brasil têm conhecido desde a Segunda Guerra Mundial.

O caminho que o autor buscou foi detonado, segundo declara ele, por uma quantidade assustadora de caixas que um passageiro tentava embarcar em um avião, em Nova York, a caminho do Brasil.

A pura quantidade de caixas desafiava a curiosidade de quem testemunhava o episódio, e muito embora Thomas tenha deduzido que a única resposta a qualquer indagação seria a da simples muamba, em sua criação ele as transforma em caixas de Pandora, de onde saem todos os vícios e os desesperos do mundo que nos cerca, graças à sua quase infalível intuição teatral.

Encenação despojada, quase austera

• O resultado é uma grande colcha de retalhos, formada por episódios desconexos, mas altamente impactantes, aos quais a pura teatralidade empresta organicidade, sentido e dimensão.

Volta e meia o episódio perde fôlego e aparece uma espécie de interlúdio que enche o tempo até a imaginação tornar a

pegar fogo, e é preciso notar que o humor de idéias e a comicidade física são muito bem usados.

A encenação de "Um circo de rins e fígados" é despojada, quase austera: em um fundo liso são projetados alguns desenhos de Thomas, que podem ou não ter ligação com o que acontece, mais uma cama, uma mesa, algumas cadeiras e muitas caixas.

A luz e a trilha sonora servem muito bem ao projeto todo. Os figurinos de Antonio Guedes, que beiram o *clownesco* para o protagonista, são devidamente violentos para o mundo inimigo, e imaginativos para o mundo sonhado. A direção de Gerald Thomas é determinada pela intenção de seu texto, e pelo ótimo uso do material humano que tem a seu dispor.

Fabiana Gugliemetti faz razoavelmente toda uma série de pequenos papéis, enquanto Amadeo Maloulier, Pedro Osório, Gustavo Wabner, Gilson Matto Grosso, Beto Galdino, Willian Ramanauskas, Rodrigo Sanchez e Narciso Tosti formam, em bloco, as forças mais assustadoras do mundo contemporâneo com rendimento interessante.

Mas não pode haver dúvida de que "Um circo de rins e fígados" não seria o que é sem Marco Nanini, que tem aqui uma das mais brilhantes atuações de sua já brilhante carreira. Com um ator desse calibre em mãos, Gerald Thomas teve a liberdade de criar um sem-número de desafios, aos quais o talento de Nanini corresponde, provavelmente ainda muito melhor do que o ator teria ousado sonhar.

"Um circo de rins e fígados" é o triunfo da teatralidade e a festa do talento do ator. ■

Um Gerald com começo, meio, fim, fumaça e muito bom humor

Jefferson Lessa

TEATRO
CRÍTICA

Se um marciano bem informado querendo fazer turismo na Terra chegasse de viagem e entrasse no Teatro Villa-Lobos, nem precisaria perguntar: sim, ele está para assistir a uma peça de Gerald Thomas. Mas como o nosso alienígena poderia ter tanta certeza? Pela névoa cenográfica, que se faz presente antes mesmo de soar o primeiro sinal, transformando o foyer numa espécie de Londres de filme de Jack, o Estríparador. No entanto, quem vê fumaça não vê espetáculo: a repetição de velhos Gerald está lá, mas o espectador se depara com um texto linear conduzindo uma peça com — acredite — começo, meio e fim.

Citações e referências a intelectuais em cena

• O bom e velho Gerald se faz presente nas eternas citações, nas referências a intelectuais europeus (estão lá Beckett, Genet, Kafka; a turma toda, enfim), em sua voz gravada e, claro, na fumaça. Escrita especialmente para Marco Nanini, "Um circo de rins e fígados" se apóia no imenso talento do ator, num carisma que faz com que alguns espectadores saiam do teatro acreditando que viram um monólogo. Como sempre, Nanini é o espetáculo.

No entanto, a atuação brilhante do ator não é o único ponto alto. Ela conta com os figurinos inteligentes e bem bolados de Antonio Guedes (a roupa de Nanini faz pensar

imediatamente em Bispo do Rosário), com a luz impactante e belíssima do próprio Gerald Thomas, com a trilha que mistura clássicos com música de Alexandre Lunskey, excelente. Basicamente, "Um circo de rins e fígados" é um espetáculo visual e auditivo bonito, imponente e grandioso.

Infelizmente, o texto não tem a mesma grandiosidade. O angustiado personagem do ator atrai críticas para todos os lados, da atuação do ministro Gilberto Gil ao próprio país, passando por uma impagável e ácida (embora acuradíssima) imitação de Jô Soares. É uma pena, entretanto, que todos esses assuntos altamente criticáveis sejam tratados por um texto que chega a beirar o pueril, com uma repetição de clichês e lugares-comuns imperdoável. Salva-se, porém, pela atualidade das farpas atiradas, pois são facilmente reconhecíveis e fazem a platéia rir à larga.

Mais bacana é encontrar um Gerald extremamente bem-humorado, fazendo graça de si próprio. Muito boa é a cena em que Nanini conclama a platéia a responder com mais entusiasmo para que o diretor não leve adiante a ameaça de encher o teatro com mais fumaça cenográfica. Interessante também é o trocadilho que faz com algemas e gêmeas que, repetido *ad infinitum*, causa um saudável e divertido estranhamento da linguagem. As pladinas *à clef*, como a cena em que o ator é carregado por vários rapazes sarados, também têm sua graça.

Resumindo, trata-se de um espetáculo leve e perfeitamente assistível. Uma colcha de retalhos que não vai fazer ninguém sair do teatro com questionamentos perturbadores além dos habituais (se é que essa era a intenção). Mas... E daí? ■